

A PLURIVOCALIDADE E ALGUNS “MODOS DE INTER-RELAÇÃO ENTRE DISCURSOS”

Ismar Inácio dos Santos Filho¹

“em cada momento da sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva” (Bakhtin, 1934: 35).

A linguagem, a consciência e a vida social – princípios da plurivocalidade

Inicialmente, na intenção de explicar o que é a linguagem, Voloshínov ([1929a] 1993) diz que ela está atrelada ao processo de formação e desenvolvimento humanos e que não é de origem sobrenatural, tampouco uma invenção consciente do homem. Ao contrário, afirma que ela surge da necessidade que o homem teve de dizer algo ao outro, devido à necessidade de unirem-se em grupo, formando uma comunidade, para e através do trabalho. Esse pensador argumenta que a linguagem nasceu da atividade coletiva, aquela na qual os homens passaram a ter objetivos comuns. Seguindo esse racocínio, podemos compreender que a linguagem é a “capacidad de representarse el objetivo común” (Voloshínov, [1929a] 1993: 228), inicialmente com mímicas e gestos, e mais tarde com o uso da palavra, permitindo, assim, que os homens se compreendessem reciprocamente. Logo, a linguagem é fruto e colabora com o processo da socialização humana.

Voloshínov ([1929a] 1993) esclarece ainda que a compreensão, o entendimento recíproco, apenas pode existir porque a linguagem enquanto “representação” nada mais é do que a expressão da experiência compartilhada entre, no mínimo, dois homens. Ou seja, para ele, para que o significado de um gesto, por exemplo, atribuído por um homem seja compreendido por outro homem é preciso que esse gesto tenha valor social, i.e. que faça parte da experiência que esses homens dividem. Nessa compreensão, através das experiências materializadas pela linguagem, o homem passa a se comunicar com o outro – “comprensión del signo y la respuesta al mismo” ([1929a] 1993).

Quando Voloshínov ([1929a] 1993) e Bakhtin e Voloshínov ([1929b] 2004) discutem a materialização da linguagem eles estão falando do signo e do processo de compreensão; acerca do processo de comunicação, pois, para eles, quando um “eu” diz algo ao “outro” ele está representando a experiência que eles têm compartilhada através de um *signo*. Para melhor explicar *signo*, eles esclarecem que ele é diferente de um *corpo físico*, que vale por si mesmo, coincidindo inteiramente com sua natureza, como um martelo ou uma foice enquanto instrumentos de produção que desempenham apenas determinada função, sem “representar” outra coisa. Todavia, quando esses instrumentos são usados como emblemas da União Soviética,

¹ Doutorando em Linguística – Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista CNPq-BR.

por exemplo, convertem-se em *signos*, i. e., convertem-se em algo que “tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou outra coisa qualquer” (Bakhtin e Voloshínov, [1929b] 2004: 33), como imagem, neste caso – a figura abaixo – e que mesmo pertencendo a essa realidade material simboliza uma outra realidade, como podemos entender a partir do esclarecimento encontrado na enciclopédia virtual Wikipedia.

A **foice-e-martelo** é um símbolo usado para representar o comunismo e os partidos políticos comunistas. O desenho apresenta uma foice sobreposta a um martelo, de forma que pareçam cruzados ou entrelaçados. As duas ferramentas simbolizam, respectivamente, o proletariado industrial e o campesinato — as duas classes cuja aliança é considerada fundamental pelos marxistas-leninistas para o triunfo da revolução socialista. O emblema é mais conhecido por ter sido incorporado à bandeira vermelha da União Soviética, bem como a cada uma de suas repúblicas constituintes, junto com a Estrela Vermelha. (Wikipedia virtual, 2008)

Quando usamos a linguagem na comunicação com o “outro”, expressamo-nos por meio de signos, i. e., de algo que remete para fora de si mesmo, como o exemplo citado acima, que passa a “representar”, ou seja, passa a significar “o comunismo e os partidos políticos comunistas”. Sobre signo, Voloshínov e Bakhtin ([1929b] 2004: 32), levam-nos à compreensão de que, paralelo aos fenômenos naturais, aos do mundo material e aos produtos de consumo, existe um universo específico, que é o mundo dos signos – o mundo dos significados. Também segundo eles, “onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico”, o valor que o signo assume no processo de comunicação, decorrente das intenções do “eu” em relação ao “outro” discursivo e da situação comunicativa. Voltaremos a abordar esse aspecto mais adiante. Antes, preferimos melhor especificar a função da linguagem na vida social.

No tocante à função da linguagem na vida social, esses pesquisadores questionam dois aspectos: i) o papel que a linguagem tem no processo da vida social, i. e., a influência inversa que a linguagem tem sobre as relações sociais a que deu origem, e ii) a relação entre linguagem e pensamento, ponto, por eles, considerado merecedor de uma cuidadosa observação. Em relação aos dois primeiros itens, segundo eles, a linguagem constitui, ao lado do mundo natural, como já apontamos, o mundo da significação, que é social e histórico e que permite a comunicação entre grupo distintos, a qual organiza o trabalho e o pensamento (a consciência), que imprime reflexos sobre a comunidade social organizada.

No que se refere à relação linguagem e consciência, podemos entender que no processo de comunicação, o signo sempre é a expressão “visível” de um “eu”. Por isso, foi pensado como individual. Nesta direção, os estudos da psicologia interpretativa e funcionalista encararam toda e

qualquer expressão de um “eu” como um ato de fala de criação individual; fruto do psiquismo, isto é, encaram o fato linguístico como expressão de caráter individual; fruto de uma consciência também individual. Porém, os estudos do Círculo de Bakhtin mostram-nos que a linguagem não é fruto de uma consciência individual, ao contrário, de uma consciência coletiva; social. Ou seja, para esses pensadores, a consciência jamais pode ser entendida como individual, visto que os sentidos que expressamos em determinado processo de comunicação é fruto das relações dentro do grupo ao qual pertencemos. Para eles, é nas relações sociais, através da linguagem, que a consciência de cada indivíduo é construída, formando a sua vida interior. Isto, é, o conteúdo do psiquismo é elaborado fora do organismo, nos fatos sociais. Com Santos Filho (2007), com base nos estudos do “Círculo”, podemos entender que é na síntese dialética processual entre as palavras exteriores e a expressão interior que a consciência se forma, formando também a vida social, sempre em comunhão. Para Santos Filho (2007),

(...) o discurso que se desenvolve nas relações estabelecidas entre os indivíduos se integra ao organismo individual e se torna fala interior (potencial expressão), podendo, em seguida, exteriorizar-se: é “texto” que, novamente nas relações sociais, é seiva para a atividade mental, para sua exteriorização e para o estabelecimento de novas relações sociais”. Assim, é importante considerarmos que toda e qualquer expressão semiótica tem o psiquismo como uma instância obrigatória de passagem e que sem a exteriorização o discurso interior não existe. Em decorrência disto, entendemos que o discurso interior não está fechado em um organismo vivo, ao contrário, está subordinado às leis sócio-históricas – é forjado na relação do homem com o homem (discurso exterior) (Santos Filho, 2007: 10).

Todavia, é importante entendermos como o homem apreende o discurso do outro. Bakhtin ([1934-35] 1988: 146), sobre isto, faz a seguinte pergunta, “como é o discurso ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida?” Para responder, o próprio pensador comenta que a expressão de um “eu” é fruto de sua compreensão da expressão do “outro”. Ele diz que o “eu” apreende a apreciação do “outro”, ao mesmo tempo em que lança sua apreciação, sempre ativa, sobre o objeto de discurso, e expressa-se. Sendo assim, a apreensão do discurso do “outro” passa pelo processo de compreensão através de duas instâncias interligadas, a *réplica interior* e o *comentário efetivo*.

De acordo com o entendimento anterior, é possível vislumbrarmos os princípios da plurivocalidade, pois, não sendo a consciência individual, mas coletiva, e sendo o fundo perceptivo do “eu” discursivo, a expressão desse “eu” (que é gerada nessa atividade mental, em constante diálogo consigo mesma e com o meio no qual vive) está impregnada de outras vozes com as quais ele estabelece relação. Desta forma, o pensador russo aconselha que para entender a apreensão do discurso do “outro”, devemos observar como a voz do “eu” dialoga com a voz do “outro”, visto que, em suas palavras, “a palavra vai à palavra” (Bakhtin, [1934-35] 1988: 147). Dito isso, ele afirma

que as formas² pelas quais o discurso do “outro” entra no discurso do “eu” revelam como as diversas vozes sociais são ativamente absorvidas pela consciência.

É de fundamental importância compreendermos que em meio às relações sociais, as palavras do “eu” passam através da orientação social e histórica, por um processo de refratação que é ideológica. Ou seja, o sentido que uma expressão de um “eu” passa a ter nas relações sociais depende da época, do ambiente social, da posição de classe do falante e do ouvinte, e da situação real e concreta na qual a expressão surge (Voloshínov, [1929a] 1993). Logo, com Bakhtin e Voloshínov ([1929b] 2004; [1934-35] 1988) entendemos que as palavras ditas, nascidas da dialogia com outros discursos sociais, podem ter duas orientações ideológicas, i) conservar a integridade e autenticidade do discurso alheio, trazendo-o explicitamente para a sua voz, ou ii) apagar as fronteiras entre essas diversas vozes e apresentar sua voz e as diferentes vozes sociais, através de um processo de infiltração, no qual essas vozes se interpenetram, sem demarcações explícitas. Na primeira orientação, revela-se o “autoritarismo” do outro; da palavra do “outro”, e na segunda, o relativismo das apreciações sociais.

Dissemos anteriormente que onde está o signo está o ideológico. Pelo exposto nos parágrafos anteriores, compreendemos que o signo é ideológico porque é, a partir de um “eu”, um reflexo da realidade social, ao mesmo tempo em que é uma reelaboração da realidade; uma ressignificação – aquilo que Bakhtin e Voloshínov([1929b] 2004) chamam de refratação do real. Dito de outra forma, o discurso é ideológico porque ao mesmo tempo em que espelha a realidade, ele reatualiza os sentidos, em virtude da função que aquelas palavras ocupam na comunicação: desejos, objetivos, necessidades, efeitos, etc. A palavra é ideológica visto que é uma expressão de uma ideia e, além disso, é uma tomada de posição do “eu” discursivo frente aos outros discursos sobre o objeto falado (Freitas, 2006). Nos processos comunicacionais, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (Voloshínov e Bakhtin, [1929b] 2004: 36).

Como vemos, a linguagem enquanto “representação” surge da necessidade de socialização entre os homens e que é assim que acontece o processo de comunicação, de interação humana: o processo no qual o “eu” expressa-se, com determinado tom, e espera resposta(s), mesmo que não sejam imediatas e visíveis. Desta forma, a linguagem para o Círculo de Bakhtin é essencialmente *processual, dialógica, axiológica e plurivocal*.

De acordo com o raciocínio até aqui desenvolvido, o processo comunicacional foi pelo “Círculo” denominado, em seus textos, de *expressão, signo*, depois de *discurso, discurso verbal, discurso humano, enunciação, enunciado, enunciado concreto* e *enunciado pragmático concreto*, e finalmente apenas de *enunciado*. No tópico que segue, trataremos do conceito de enunciado, e das formas específicas do enunciado, as quais foram denominadas de “estruturas”, “tipos e formas de discurso”, “gêneros linguísticos”, “formas de discurso”, “modos de discurso” e, posteriormente, “gêneros do discurso”. Ainda no item que segue, especificamos a plurivocalidade, característica inerente ao enunciado, e alguns modos de sua realização.

² Abordaremos as formas no item 2.2, desse texto.

A comunicação viva: suas características, suas formas particulares, os gêneros do discurso, e os modos de inter-relação entre discursos

Seguindo o pensamento antes exposto, compreendemos que as expressões, os enunciados, tanto as do “eu” quanto as do “outro” tomam forma e possuem características específicas, que as constituem. Nessa etapa do texto, retomamos alguns dos fundamentos da linguagem em Bakhtin e Voloshínov para explicitar as características constituintes de um discurso humano, um enunciado.

O enunciado, suas características e formas específicas, os gêneros do discurso

Inicialmente, de acordo com os estudos do “Círculo”, podemos dizer que o discurso é biface e que possui duas partes. O enunciado é biface porque, como já evidenciamos no tópico anterior, ele nasce de um processo de interação entre um “eu” e um “outro”, indivíduos organizados socialmente. Dessa forma, a palavra do “eu” é sempre direcionada a um “outro”, o qual é considerado co-participante do discurso. Na concepção de discurso enquanto diálogo, jamais haverá um enunciado sem o ouvinte, que pode ser real, aquele das comunicações cotidianas, normalmente face-a-face, ou pode ser um representante médio de um grupo, como em cartazes, nos quais o “outro” é apenas presumido como um representante daquele grupo de leitores, e pode ser ainda um sobredestinatário, aquele outro que está esfalado no tempo e no espaço, aquele de enunciados do tipo emocional. Assim, uma primeira característica de um enunciado é a dialogia estrita.

O discurso interior, aquele do “eu” solitário também tem caráter dialógico, pois, possui ouvinte, mesmo que virtual; o “outro” é potencial. Para Voloshínov ([1930] 1981), podemos vislumbrar a “conversa interior” em enunciados como o *diário íntimo* e as *notas de uso privado*. Nestes, escrevemos para um outro que não aparece de forma clara para o locutor; é um “ouvinte-interlocutor invisível” ([1930] 1981: 08), que pode se comportar como aliado, testemunha simpatizante ou juiz reconhecido. Nesse caso, as vozes que ressoam na atividade mental estão também povoadas pelas vozes do outro potencial.

Os enunciados, sejam exterior ou interior, são dialógicos, sejam de forma estrita ou de forma ampla, pois se constituem como elos no conjunto das comunicações verbais ideológicas, visto que cada um é uma resposta a enunciados anteriores e espera por respostas, interligando-se a discursos passados e/ou contemporâneos: “responde (...), refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc”, como confirma Bakhtin e Voloshínov([1929b] 2004: 123). Para ilustrar a dialogia ampla, eles citam que o livro “é uma simples gota no rio da comunicação verbal” (Voloshínov, [1930] 1981: 02). Segundo eles,

O livro, isto é, o ato de fala impresso (...) é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar com as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influências sobre os trabalhos posteriores, etc). Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária (...) (Voloshínov e Bakhtin, [1929b] 2004: 123)

Para o “Círculo”, outra característica do enunciado é o aspecto de possuir duas partes, a parte verbal (ou em outra materialidade) e a parte presumida, a situação pragmática extraverbal. Caso olhemos para um discurso humano apenas em sua materialidade, não o enxergaremos por completo, pois, é necessário que o situemos em um dado contexto, aquele do qual ele emerge. Por isso, Voloshínov ([1930] 1981) e Bakhtin ([1952-53] 2003) dizem que o enunciado é uma unidade concreta e não apenas uma palavra ou oração; é uma unidade indissolúvel, constituída por uma parte “percebida” e outra parte presumida.

Para melhor entender o presumido, é necessário compreendermos que todo e qualquer enunciado nasce da interação entre indivíduos, num *contexto social*, em um *tipo de comunicação social* e em uma dada *situação imediata*, “a efetiva realização, na vida concreta, de uma determinada formação, de uma determinada variação da relação de comunicação social” (Voloshínov, [1930] 1981: 03), que está em interligação com o contexto social mais amplo e que dá sustentação à comunicação.

Quando falamos em situação, estamos nos referindo ao *espaço e tempo*, o *objeto ou tema do enunciado* e à *posição dos interlocutores diante do fato*, i. e., a *avaliação* sobre o objeto do discurso. São esses aspectos da constituição do enunciado que orientam a entoação impressa na interação em direção ao auditório, i. e. são esses aspectos que forjarão a posição que o “eu” do discurso assumirá sobre o objeto e sobre o “outro” discursivos. Logo, o enunciado aparece sempre como uma avaliação sobre e para uma dada situação; uma resolução.

Como visto no parágrafo anterior, o enunciado nasce de um contexto social e amplo e, deste, de tipos comunicacionais sociais, tais como relações de produção e de negócio, relações quotidianas e nas relações ideológicas *strictu sensu*, fator fundamental para construção de sua estrutura, para que o discurso se torne um “tipo relativamente estável de enunciado” (Bakhtin, [1952-53] 2003). Um enunciado é sempre forjado em um tipo específico de discurso, que possui duas modalidades, pode ser primário, aquele elaborado nas interações do cotidiano, ou secundário, que emerge nos sistemas ideológicos organizados, como a ciência, a literatura, a mídia, etc., pois, cada um desses tipos de comunicação estrutura (e estrutura-se como) modos diferentes de refletir e refratar a realidade, para atender aos objetivos de cada esfera de comunicação.

Em resumo, é o tipo de comunicação social que imprime sobre o discurso a entoação e esta por sua vez define a forma da expressão, o conteúdo, o sentido e a coloração estilística desse discurso, ou seja, é no tipo de comunicação que o gênero do discurso se define. No tópico que segue, na tentativa de compreender melhor a característica plurivocal da linguagem, chamaremos a atenção para o o estilo, os recursos linguísticos que acabam por revelar as relações sociais entre as diversas vozes sociais estabelecidas através dos diálogos.

Tendências e alguns recursos estilísticos na construção do enunciado plurivocal

Todo gênero discursivo é a encarnação discursiva das relações sociais, logo, é ideologicamente impregnado. Assim, o estilo que um determinado gênero assume é fruto (e pode revelar) o jogo das forças dentro da esfera ao qual pertence. Sendo assim, os esquemas linguísticos apenas podem ser estudados como estilo de gênero, jamais pensados como pertencem à individualidade do autor ou como a individualização da língua, na percepção saussuriana.

Voloshínov e Bakhtin, em “Para uma história das formas de enunciação nas construções sintáticas”, no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* ([1929b] 2004) e Bakhtin, no texto “O discurso no romance”, em *Questões de Estética e Literatura* ([1934-35] 1988), desenvolvem estudos sobre os esquemas linguísticos que servem para a integração das enunciações, i. e., servem de integração e materializam das diversas vozes em um enunciado. Seus estudos estão situados e foram realizados a partir de gêneros literários específicos, o poema e o romance. Nesse nosso trabalho, apresentamos apenas alguns modos de inter-relação entre discursos, denominados por eles de padronizados, bem como as suas variantes. Chamamos a atenção para o fato de que em nossa reflexão não fazemos referências aos fatos e/ou fatores sócio-históricos que concorreram para o surgimento/formação de tais esquemas linguísticos.

A coloração estilística em um determinado gênero é oriunda das forças sociais que regem a comunicação. Assim, é importante saber que em determinadas épocas, em dado tipo de comunicação, podem prevalecer as forças centrípetas, aquelas que direcionam o discurso para uma “linguagem única”, a centralização de uma concepção de mundo; de uma opinião concreta; uma concepção de mundo linguístico estatizado, no qual os elementos da linguagem, tais como vocabulário, aspectos semânticos e formas sintáticas tendem a servir a uma só orientação social. Nesse caso, tenta-se negar a plurivocalidade inerente a todo e qualquer enunciado. Essas forças estão sempre em luta com as forças centrífugas, aquelas nas quais, ao contrário, brigam por uma linguagem múltipla, pelas opiniões sociais multidiscursivas. Quando sob a direção das forças centrífugas, o estilo dos gêneros mostra em seus traços linguísticos que “o objeto [tema do discurso] está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entoações” (Bakhtin, [1934-35] 1988: 86).

Segundo os pensadores russos em estudo, quando a voz do “eu” traz a voz do “outro” para a construção do enunciado, traz mais do que o tema, traz também o outro “em pessoa”, pois, além do tema do discurso deixa ver a integridade linguística, mesmo que apenas por rudimentos. Isso significa que “a substância do discurso do outro permanece palpável” (Voloshínov e Bakhtin, [1929b] 2004: 145), mesmo que o discurso tenha a tendência de estilisticamente ser univocal.

Quando a comunicação nas relações presta-se mais às forças centrípetas, isto é, busca um único tom em seus discursos, prevalece nos gêneros discursivos a tendência à conservação da integridade e autenticidade do discurso do outro, para emanar uma firmeza ideológica. Com isso, explicita-se a fraqueza do fator individual interno, pois, parece não existirem réplicas e comentários desse “eu” discursivo. Esse estilo é denominado de *linear*. Nessa orientação, Voloshínov e Bakhtin ([1929b]) apontam como modelos de esquemas linguísticos o *discurso direto* e o *discurso indireto impessoal*. No *discurso direto*, as palavras do outro são marcadas, semântica e sintaticamente, na tentativa de isolá-las de infiltrações de outros discursos. No *indireto impessoal*, a fala do outro é incorporada ao discurso sem repetição *ipsis verbis*, pois objetiva apenas apresentar o conteúdo do discurso alheio. Neste caso, não há um sujeito aparente.

Diferentemente, quando as relações estão a favor da multiestratificação da realidade, sofrendo fortes influências das forças centrífugas, o estilo dos gêneros é marcado pelo relativismo das apreciações sociais, logo, pelo enfraquecimento das fronteiras entre os discursos. Nessa orientação, o estilo predominante é chamado de *pictórico*. Os modelos de formas estilísticas predominantes nessa tendência são discursos *indireto*, *indireto impressionista*, discursos *direto preparado*, *direto esvaziado* e *direto substituído*, e por fim, o *discurso indireto livre*. Ainda nessa tendência, temos o *discurso do gênero intercalado*. Quando analisa o gênero romance, como um gênero discursivo no qual predomina o *estilo pictórico*, Bakhtin ([1934-35] 1988) destaca quatro modelos de esquemas linguísticos, o discurso humorístico, o discurso refractante do narrador, o discurso refractante da fala dos personagens e o discurso do gênero intercalado. Em nosso trabalho, dessas últimas quatro formas linguísticas, abordaremos apenas o discurso do gênero intercalado, visto que as demais já estão contempladas nos modelos antes mencionados, exposto em Voloshínov e Bakhtin ([1929b] 2004). Vejamos o quadro:

Discurso indireto	O discurso alheio é incorporado, mas não na língua própria. Ele é demarcado, entretanto, as marcas são fracas e, assim, tem como “alma” a análise. Desta forma, “ouve” de forma diferente o discurso do outro.
Discurso indireto impressionista	Nas palavras de Bakhtin (1929b: 164), essa construção “é essencialmente utilizada para a transmissão do discurso interior (...) trata do discurso de outrem com bastante liberdade, abrevia-o, indicando frequentemente apenas seus temas e suas dominantes (...)”.
Discurso direto preparado	Nesse tipo, o discurso direto é precedido por um fundo de apreciações sobre o tema que virá. Logo, as fronteiras, antes rígidas, são enfraquecidas por fundo de entoações do “eu” do

	discurso.
Discurso direto esvaziado	Nesse, o contexto põe sobre o discurso do outro “espessas sombras” (Bakhtin, 1929b: 166), diminuindo o valor das palavras citadas.
Discurso direto substituído	Este esquema apresenta uma pergunta do outro em seu próprio discurso interior. Bakhtin e Voloshínov (1929b: 171) dizem que “O autor em pessoa fica aqui na frente da cena, substitui o seu herói, servindo-lhe de porta-voz”.
Discurso indireto livre	Nessa forma, há uma solidariedade total entre os diversos discursos: o discurso do outro é formalmente dito pelo “eu”.
Discurso do gênero intercalado	Nesse caso, um gênero discursivo entra no outro gênero como discurso de outrem, porém conserva a sua estrutura, sua originalidade, estilística e linguística e sua autonomia.

Quadro 01 – Modelos de esquemas linguísticos que servem às forças centrífugas.

Como anunciamos na introdução, passamos agora a exemplificar alguns desses modos de inter-relação entre discursos. Chamamos a atenção para o fato de que os exemplos foram retirados de uma reportagem (em anexo) da revista Nova Escola, publicada em maio de 2008, que tem como título “Contos 2.0”. É importante considerarmos que a reportagem é um gênero jornalístico, gênero retórico vivo, como disse Bakhtin ([1934-35]).

Sobre a reportagem em questão, é salutar comentar que ela aparece na revista sobre a rubrica “Sala de aula”, como temática de língua portuguesa. Segundo o *lead*, “ao apresentar diferentes versões dos contos de fadas, professora leva alunos do 5º ano a compor um livro com as próprias adaptações”. Essa matéria é uma apresentação de um projeto vencedor do Prêmio Victor Civita Educador Nota 10 de 2007, desenvolvido em uma escola pública. De acordo com a rubrica, possivelmente a experiência explicitada no texto servirá de modelo aos professores-leitores do periódico.

Como já alertamos, o estilo apenas pode ter vida se pensado dentro de um gênero, que emerge na dinâmica das relações sociais, em um tipo específico de comunicação. Por isso, antes de mostramos os esquemas linguísticos que são utilizados nesse texto, é oportuno vislumbramos que apesar da assinatura de Débora Didonê na reportagem, preferimos entender a autoria desse texto, a partir de Santos Filho (2007), como uma autoria institucional, como posição axiológica da revista Nova Escola. Para argumentar a respeito da posição ideológica do periódico, tratamos acerca da relação desse *media* com seu interlocutor:

(...) a relação dialógica entre a revista Nova Escola e o professor-leitor orienta com grande poder as ações docentes, isto é, tem sobre essas ações (a prática pedagógica) fortes implicações, no sentido de que este *media* oferece ao professor-leitor estruturas para o dia, pontos de referência, pontos de parada, para a contemplação e para o engajamento e poucas oportunidades para olhar de relance e para o desengajamento (...) Entretanto, não

estamos afirmando que o interlocutor dessa revista é um professor passivo, mas que, em decorrência da posição assumida pelo periódico e pela postura da interlocução docente, supostamente, sua palavra é controlada; limitada (...) (Santos Filho, 2007: 154).

As informações acima tratadas têm a intenção de fazer-nos compreender o uso dos esquemas linguísticos como fruto da relação dialógica, plurivocal e, essencialmente axiológica, da revista com seu interlocutor, e qual a orientação ideológica que se apresenta na relação do “eu” com o discurso do “outro”. Dos casos das formas linguísticas citadas por Bakhtin e Voloshinov ([1929b] 2004) e Bakhtin ([1934-35] 1988) e por nós mostrados anteriormente, exibimos abaixo cinco casos presentes no gênero já comentado. Em nossa leitura da reportagem, fica evidente o uso do *discurso indireto*, o *discurso direto*, *discurso direto preparado*, o *discurso indireto livre* e o *discurso do gênero intercalado*. Contudo, o caso que mais se enxerga é o discurso direto preparado, aquele que é precedido de um fundo apreciativo, em nossos exemplos formado pelo discurso indireto e/ou indireto livre. Vejamos os casos:

- 1) (...) Afinal, nessa fase a garotada já conhece os contos clássicos, mas erra muito na ortografia, não identifica diferentes gêneros textuais e têm dificuldade para expor idéias com coerência (...) ~~A professora priorizou a produção individual na avaliação inicial das crianças.(...)~~ **“Quando pedi que escrevessem um conto de fadas, notei que elas faziam confusão com elementos de outros tipos de textos, como os de assombração. Isso mostra que tinha pouca leitura. A solução lógica foi fazê-las ler mais”.**
- 2) A essa altura já era difícil conter a ansiedade da turma. **“No início do projeto, a sala não gostava de escrever, não expunha o que sabia nem as ideias que tinha. Na produção coletiva, os pequenos já queriam escrever sozinhos e não viam a hora de fazer o próprio texto”, lembra a professora.”**
- 3) ~~Na avaliação dos selecionadores, a iniciativa se destacou por desenvolver os comportamentos escritores nos alunos. Isso quer dizer que, além de praticar os procedimentos de produção e revisão de textos, a turma aprendeu a pensar nos leitores aos quais esses escritores se destinam e nas histórias que serviriam para eles (...)~~

- 4)  não pode ficar solta, tem de fazer sentido para a criança”, diz a professora. “Se havia muita repetição do nome Maria na produção, eu perguntava por qual palavra ele poderia ser substituído. A garotada dizia ‘ela’, e só então eu explicava que essa palavra é um pronome”, conta. **Autor**

Figura 01 – Recorte da reportagem “Conto 2.0”: visualização do gênero nota.

- 5) **O.k.**, não é o tradicional conto de fadas (...) a história de chapeuzinho vermelho **mudou de cor** e **ganhou roupa atual** (...) O criativo enredo faz parte de um livro de contos “**modernizados**”, produto final de um (...).

No exemplo 1, temos claramente, de forma sublinhada, o *discurso indireto livre*, pois, o que se diz é oriundo da fala da professora que desenvolveu o projeto. Entretanto, em momento algum há, explicitamente, demarcações das fronteiras entre as vozes. Ao contrário, uma solidariedade total da revista com a enunciação dessa educadora. O trecho ~~tachado~~ se constitui como um *discurso indireto*, aquele no qual o outro é mencionado, mas não na língua própria. Em seguida, temos o *discurso direto preparado* (em negrito), preparado pelos esquemas antes construídos, emergindo das entoações antes expostas, as quais enfraquece suas fronteiras. Desta forma, à enunciação direta da professora é infiltrada pelos acentos da revista. No exemplo 2, o *discurso direto preparado* sofre infiltrações através apenas do *discurso indireto livre*.

O exemplo 3 revela-nos outra voz na reportagem, a dos selecionadores dos projetos no Concurso Professor Nota 10 de 2007, da Victor Civita. Essa voz é apresentada sob a forma de *discurso indireto*. No exemplo 4, a voz que surge parece ser a do editorial da revista, que é inserida na reportagem em sua totalidade, com seu conteúdo e suas características linguísticas. Sob uma forma peculiar, neste caso, a bivocalidade é engendrada com a intercalação do gênero *nota*, entendido com Moraes (2006) como um registro curto que objetiva transmitir informação para recordar. O último exemplo (5) faz-nos perceber uma forma de entrelaçamento de vozes bem peculiar: a inserção indireta no discurso da revista de vozes da professora Renata (e/ou possivelmente de seus alunos) através do “espalhamento”, na reportagem, de palavras e expressões, com o **O.k.**, que de acordo com a entoação entendemos que não é a voz do periódico.

Pelo exposto, podemos comentar que é bem provável que a intenção da Nova Escola com a rubrica “Sala de aula” seja deixar falar um professor que tem uma boa experiência a contar aos professores-leitores, aos quais esta sirva de modelo. Se assim for, temos a explicação para o fato de a reportagem “lida” ter sido construída quase em sua totalidade pela voz da professora Renata, através do uso dos discursos direto preparado, discurso indireto e indireto livre. Com os exemplos de esquemas linguísticos apontados e comentados, esperamos ter possibilitado a compreensão de que as formas da língua não nascem da intenção individual de um autor, mas, do jogo de poder entre as diversas vozes nas relações sociais. O discurso é sempre um multidiscurso.

Algumas considerações

Para fechar essa discussão, neste texto, preferimos (re)dizer que o Círculo de Bakhtin, através dos textos de Bakhtin e Voloshínov, com a proposição da linguagem como dialógica, processual, axiológica e plurivocal, permite (e intenciona) que reflitamos sobre a relação homem e organização social, colaborando para que compreendamos que somos seres sócio-históricos e que as nossas posições estão povoadas de muitas outras posições. Sobre essa plurivocalidade, acreditamos ser de fundamental importância o entendimento de que os esquemas linguísticos revelam como o “eu” do discurso “absorve” o discurso do “outro”, configurando, desta forma, a relação do homem no meio social, e sua luta ideológica.

De acordo com o Círculo,

(...) é importante levar em conta a posição que um discurso a ser citado ocupa na hierarquia social de valores. Quanto mais forte for o sentimento de eminência hierárquica na enunciação de outrem, mais claramente definidas serão as suas fronteiras, e menos acessível será ela à penetração por tendências exteriores de réplica e comentário (Voloshínov, 1929b: 153).

Por isso, como aprendizado, acreditamos que as ideias desses pensadores russos podem nos ajudar a (re)pensar a relação que o homem contemporâneo, nessa sociedade multiletrada, multissemiótica, estabelece com as vozes nos/dos textos midiáticos, visto que a todo instante somos bombardeados por informações que afetam diretamente a nossa vida.

Bibliografia

BAKHTIN, M. ([1934-35] 1988). O romance no discurso. In: _____ *Questões de estética e literatura. Teoria do romance*. São Paulo, Hucitec/Editora da Unesp.

BAKHTIN, M. ([1952-53] 2003). Os gêneros do discurso. In: _____ *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes.

BAKHTIN, M./ VOLOSHINOV, V. ([1929b] 2004). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3a ed. São Paulo, Hucitec.

CUNHA, D. A. C. 2006. A estilística da enunciação para o estudo da prosa literária no ensino médio. In: BUNZEN, C. E MENDONÇA, M. (Org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 117-138.

FREITAS, M. S. A. 2006. Ideologia: um dos pilares do pensamento bakhtiniano. In: *Estudos linguísticos*. RGL, n. 3, set. p. 100-107.

MORAES, E. M. M. 2006. Tomada de notas: contrapalavra dos professores. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Gêneros Catalisadores – letramento e formação do professor*. São Paulo. Parábola Editorial, p. 125-141.

SANTOS FILHO, I. I. 2007. *A dialogia entre a Revista Nova Escola e o professor-leitor: implicações para o trabalho docente*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem.

VOLOSHINOV, V. N./BAKHTIN, M. M. ([1926] 1976). *Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, com base na tradução inglesa de I. R. Titunik (“Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”), publicada em V. N. Voloshinov, *Freudism*, New York. Academic Press.

VOLOSHINOV, V. N./BAKHTIN, M. M. ([1929] 1993). “Qué es el lenguaje?” in Silvestri, A. e Blanck, G. *Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona, Anthropos.

VOLOSHINOV, V. N./BAKHTIN, M. M. ([1930] 1981). *A Estrutura do enunciado*. Tradução de Ana Vaz, para uso didático, com base na tradução francesa de Todorov, T. (*La structure de l'énoncé*), publicada em Mikhaïl Bakhtine. *Le principe dialogique, suivi de Ecris du cercle de Bakhtine*. Paris, Seuil.